

# A DOCTRINA TRINITÁRIA EM SANTO AGOSTINHO

*TRINITY'S DOCTRINE IN SAINT AUGUSTINE*

*LA DOCTRINA TRINITARIA EN SAN AGUSTÍN*

Diego Costa Azevedo<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo trata fundamentalmente da doutrina trinitária na obra filosófica e teológica de Santo Agostinho. O embate entre fé e razão é típico dos primeiros séculos do medievo. Partindo desse contexto, objetiva-se analisar o estudo empreendido por Agostinho de Hipona a respeito da Santíssima Trindade. Em suas considerações, o Bispo conclui que recorrer apenas à razão natural impossibilita ao homem desvendar o mistério da Trindade: um Deus constituído por três pessoas distintas. É neste ponto que a fé se impõe enquanto recurso metodológico capaz de superar os limites da razão humana e alcançar pleno conhecimento deste Deus que é Uno e Trino. O mistério da Trindade enaltece o projeto salvífico presente na doutrina Cristã e revela um Deus Pai (criador), Filho (redentor) e Espírito Santo (que torna santificadas todas as coisas).

**Palavras-chave:** fé; razão; Trindade.

## Abstract

This article fundamentally deals with the Trinitarian doctrine in St. Augustine's philosophical and theological work. Faith's and reason's clash is typical of the Middle Ages first centuries. Starting from this context, the objective is to analyze the study undertaken by Augustine of Hippo on Holy Trinity. In his considerations, the Bishop concludes that resorting to natural reason alone makes it impossible for man to unveil the Trinity's mystery: a God made up of three distinct persons. In that point, faith imposes itself as a methodological resource to overcoming human reason's limits and achieving full knowledge of this God who is One and Three. Trinity's mystery enhances the salvific project present in Christian doctrine and reveals a God who is Father (creator), Son (redeemer), and Holy Spirit (who makes all things holy).

**Keywords:** faith; reason; Trinity.

## Resumen

Este artículo trata fundamentalmente de la doctrina trinitaria de la obra filosófica y teológica de San Agustín. El embate entre la fe y la razón es típico de los primeros siglos del medievo. En ese contexto, se pretende analizar el estudio emprendido por Agustín de Hipona sobre la Santísima Trinidad. En sus consideraciones, el Obispo concluye que recurrir solo a la razón natural impide al hombre develar el misterio de la Trinidad: un Dios constituido por tres personas distintas. Es en ese punto que la fe se impone como recurso metodológico capaz de superar los límites de la razón humana y alcanzar el pleno conocimiento de este Dios que es Uno y Trino. El misterio de la Trinidad enaltece el proyecto salvífico presente en la doctrina cristiana y revela un Dios Padre (creador), Hijo (redentor) y Espíritu Santo (que santifica todas las cosas).

**Palabras-clave:** fe; razón; Trinidad.

## 1 Introdução

O objetivo central desta pesquisa é compreender a Trindade a partir do conhecimento da interioridade decorrente dos debates entre fé e razão. Para desenvolvê-lo, empregou-se

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional — Uninter. E-mail: diegoazevedo06@hotmail.com.

pesquisa metodológica de caráter bibliográfico para estudo acerca do pensamento do autor em destaque.

O tema *Trindade*, fortemente debatido pelo pensamento medieval, sempre esteve presente na filosofia cristã. Compreendido como mistério na estrutura doutrinal do cristianismo, justifica-se a necessidade de examiná-lo a partir da perspectiva filosófica. Todo cristão que busca a Deus busca o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, a Trindade, centralidade da vida do cristão, alicerce que sustenta a fé e o crescimento interior de cada membro da comunidade eclesial.

Com o intuito de compreender o itinerário teórico percorrido por Agostinho de Hipona, a pesquisa em pauta está estruturada sobre três pontos centrais. O conhecimento (episteme) só pode ser encontrado após longo processo de racionalização, o qual consiste em uma atividade de retorno a si, um olhar para o interior, onde reside a verdade.

Nos anos iniciais do Medievo, os Padres da Igreja recolhem essa proposta filosófica e a aproximam da doutrina cristã, o que acarretará mudanças substanciais para o processo de conhecer. Sem o auxílio da fé, a razão natural não poderá desvendar os enigmas mais elevados da existência humana.

Após este percurso inicial, outro ponto deste trabalho focará a interioridade proposta por Santo Agostinho como caminho para o conhecimento da Trindade. Há verdades somente acessíveis por meio da interioridade. Os sentidos, neste caso, são insuficientes para conhecer aquilo que é mais elevado. Entre os temas mais elevados, atribui-se especial importância à questão da Trindade, matéria a ser tratada a partir do homem interior.

Por fim, no último capítulo, apresenta-se a Doutrina Trinitária em Santo Agostinho. O objetivo deste tópico consiste em demonstrar como o caminho da fé se revela via segura para compreender o mistério de um Deus uno e trino. A premissa para chegar a esse entendimento será a advertência agostiniana em que nos ensina ser necessário “crer para compreender e compreender para crer”. Na mesma proposta, o foco da análise será direcionado para o estudo de cada uma das três pessoas (naturezas) que, unidas, formam a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quais seriam as características distintivas de cada uma delas? O Bispo dedicou-se a tal questão.

Para concluirmos, demonstramos o alcance da discussão para além dos ambientes teológico e filosófico. As artes, como a música, e, no caso em questão, a iconográfica, ocupam-se deste mistério. Por esta razão, reserva-se um espaço para analisar algumas imagens que contribuem para tornar o debate também em experiência artística.

Este trabalho não pretende esgotar a temática, mas evidenciar a relevância da questão nos debates filosóficos da Idade Média, bem como provocar novas pesquisas entre os membros da academia.

## 1.2 Metodologia

Em relação aos procedimentos, este artigo é um trabalho de revisão bibliográfica para fundamentação teórica e análise dos conteúdos relativos à temática abordada, com o intuito de alcançar os objetivos da proposta de pesquisa. Segundo Cordeiro, Molina e Dias (2014, p. 158), a pesquisa bibliográfica “[...] é o estudo organizado sistematicamente com base em materiais publicados. São exigidas a busca de informações bibliográficas e a seleção de documentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa”.

Integra o *corpus* analisado nesta pesquisa o material didático disponibilizado no curso de formação pedagógica em filosofia, bem como as indicações de estudo fornecidas pelos professores, em especial da disciplina História da Filosofia Medieval, que muito contribuiu para aprofundamento no assunto em questão, ao proporcionarem uma envolvente abordagem acerca de duas correntes do pensamento medieval: a patrística e a escolástica, de suma importância para nossa reflexão.

Sendo assim, a pesquisa bibliográfica, como bem afirma Gil (2010, p. 29), é “elaborada com base em materiais já publicados”, ou seja, pesquisa em obras de autores com bases sólidas.

A revisão bibliográfica partiu de leituras sistemáticas com fichamento de cada obra utilizada, em que se destacam os pontos pertinentes ao assunto abordado pelos autores a partir de livros em meio eletrônico.

O método da análise de conteúdo aplica um conjunto de técnicas para desvendar os sentidos de um texto (SEVERINO, 2013) por meio de uma avaliação bastante criteriosa de seus enunciados. Para os fins desta pesquisa, houve pré-análise de materiais, seguida de exploração do seu conteúdo até a etapa de tratamento dos dados para alcançar os resultados pretendidos.

## 2 Agostinho, vida e presença na patrística medieval

A característica do pensamento de Santo Agostinho marca profundamente o desenvolvimento do pensamento medieval, da Patrística e, por conseguinte, da Escolástica (conceitos definidos no capítulo seguinte, sobre a Patrística e a Escolástica). Dotado de inteligência única e dedicada ao esclarecimento de inquietações humanas, Agostinho foi um dos maiores pensadores da Igreja Antiga, cujo pensamento é validado por sua doutrina e obra,

conhecidas e seguidas pela Igreja. Sua colaboração foi importante para edificação e fortalecimento do cristianismo. Como enfatiza Sciacca (1967, p. 169), “O pensamento patrístico encontra sua sistematização e conclusão na grandiosa síntese filosófica-teológica-exegética de Santo Agostinho (354-430), o maior pensador da Igreja antiga, nascido no seio da África latina”.

Agostinho situa-se na passagem de uma era, isto é, do mundo greco-romano para a Idade Média, então havia um pensamento nascente e o cristianismo se difundia. Por conta desta admissão ao cristianismo, Agostinho nutre-se de bases epistemológicas que tomam a fé como opção de vida, convertendo-se ao cristianismo (ABRAÃO, 1999).

Ao abordar a vida de Santo Agostinho no quadro da filosofia patrística medieval, apresentam-se algumas considerações biográficas que ajudam a compreender melhor a sistematização e o pensamento filosófico do contexto em que viveu o autor, marcado por sua singular inteligência.

Aurélio Agostinho nasceu em 354 d.C., em Tagaste, na pequena cidade da Numídia, localizada na África. Após frequentar escolas em Tagaste e em Madura, conseguiu ir para Cartago, com ajuda de um amigo de seu pai, estudar retórica. Sua formação intelectual transcorreu inteiramente em língua latina e com base em autores latinos. Para Agostinho, Cícero foi por muito tempo modelo, referência essencial (ABBAGNANO, 1984).

Certos encontros ocorridos em Milão marcaram profundamente a Agostinho, ao ponto de mudarem sua vida, como com o bispo Ambrósio, que muito ajudou sua conversão, além das leituras de obras neoplatônicas, revelando-lhe a realidade do imaterial, e os escritos de Paulo sobre o sentido do conceito de graça divina, que exerceram grande influência sobre o pensamento agostiniano (MARÍAS, 2004).

Além desses encontros cruciais à conversão de Agostinho, houve a relação com o maniqueísmo, no qual Agostinho se inseriu por cerca de nove anos, porém, deixou de segui-lo e se tornou crítico da doutrina.

Agostinho abraçou o maniqueísmo, que parecia oferecer-lhe ao mesmo uma doutrina de salvação em nível racional e um espaço também para Cristo. O maniqueísmo uma religião herética fundada pelo persa Mani no século III, implica: um vivo racionalismo; um marcado materialismo e um dualismo radical na concepção do bem e do mal, não como apenas princípios morais, mas como princípios ontológicos e cósmicos (REALE; ANTISERI, 2003, p. 83).

O pensamento e as obras de Agostinho foram fundamentais para sistematização e desenvolvimento do cristianismo como doutrina<sup>2</sup>:

Santo Agostinho foi o maior filósofo da época patrística e uma das mais profundas e luminosas inteligências de todos os tempos. “Seu gênio sintético harmonizou num corpo de doutrina os elementos assimiláveis da filosofia pagã e os fragmentos dos Padres, seus sucessores, erigindo um vasto sistema de metafísica cristã, cuja influência perdura até nossos dias”. Das suas obras numerosas e variadas se destacam: *Confesiones, Contra Academicos, De Imortalitate animae, De Quantitate animae, De Libero Arbitrio, de Civitate Dei, De Trinitate e Retraitiones* (SANTOS, 1954, p. 395).

Agostinho funde em si o caráter teórico da Patrística grega e o caráter prático da Patrística latina. Marcado como pilar principal no desenvolvimento e consolidação da Patrística, é apontado como Pai da Igreja. “Agostinho destaca-se entre os Padres como Tomás de Aquino se destaca entre os Escolásticos. Como Tomás de Aquino se inspira na filosofia metafísica cristã, Agostinho, pela profundidade inspira-se em Platão, ou melhor, no neoplatonismo.” (PADOVANI, 1981, p. 209).

## 2.1 A função da patrística no cristianismo nascente

A Patrística foi definida pelos Padres da Igreja, que sistematizaram a verdade cristã com o intuito de consolidar o pensamento e fortalecer os pilares da fé, contribuindo de algum modo à edificação doutrinal do cristianismo. A filosofia Patrística e sua denominação são marcadas pelo desenvolvimento em favor da expansão do cristianismo, em que estiveram presentes os padres da época.

A denominação de patrística provém da influência exercida pelos primeiros Padres da Igreja sobre a filosofia e a cultura do período que se estende do século I ao IX. Homens ilustres pela sabedoria e pela santidade, esses Padres dedicaram toda a sua vida ao magistério sagrado, explicando e disseminando as verdades fundamentais do cristianismo e, ao mesmo tempo, defendendo essas verdades dos ataques e das impugnações dos heréticos e dos pagãos, lançando, assim, as bases sólidas da doutrina cristã (SANTOS, 1954, p. 392).

A Patrística se dedicou a defender, criar, sistematizar e difundir o cristianismo nascente à época. Os Pais da Igreja foram fundamentais na elaboração do processo que possibilitou a perpetuação da tradição, deixando sólida colaboração para a Igreja.

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, da liturgia, a disciplina, os costumes,

---

<sup>2</sup> Entre as obras principais de Agostinho se destacam, segundo Abbagnano (1999, p. 125), “*A vida feliz* (388-391), *A trindade* (399-419), *A Cidade de Deus* (413-427), *A Doutrina Cristã* (396-426), *Sobre o Livre-arbítrio* (388 e 391-395), *Sobre o Gênesis contra os maniqueus* (398), *Confissões* (397), *Retratações* (426-427)”.

os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior (NOVACIANO, 2017, p. 7).

A Patrística está dividida em três períodos: 1) pré-agostiniano, que interessou aos padres apologistas e aos padres alexandrinos; 2) agostiniano, em que Agostinho conquistou prestígio como o maior dos padres; 3) pós-agostiniano, de decadência que se seguiu à sistematização (PADOVANI, 1981).

Embora fundamental para edificação e consolidação do cristianismo, a Patrística sucumbiu à decadência cultural pós-agostiniana, tornou-se infecunda ao validar os procedimentos da razão para alcançar a revelação a tal ponto que incorria em racionalismo. Alguns motivos externos para a decadência da patrística foram o declínio do império romano e a cisão em Ocidental e Oriental. Portanto, após a queda do império romano, a Igreja se tornou sua única guardiã e herdeira cultural (PADOVANI, 1981).

Segundo Abbagnano (1999, p. 26), Agostinho foi chamado de “Platão cristão”, não por haver nos seus escritos motivos doutrinários de Platão, mas porque soube “renovar o espírito do cristianismo, a investigação da realidade fundamental da especulação platônica”. Portanto, para ele, a fé está no termo da investigação, por se encontrar no enriquecimento da procura e se fortificar pela aproximação da verdade. Contudo, a fé é alcançada e imbuída pela procura da realidade fortemente marcada no homem quando prevalece na dúvida.

## 2.2 Debate entre fé e razão

Agostinho aprofunda sua busca por felicidade e sabedoria através da fé, recebida de sua mãe. Nota-se uma disputa entre fé e razão nos primeiros séculos da história da filosofia. Tal relação sempre foi, de certo modo, conflituosa na filosofia.

De acordo com os estudos de Reale e Antiseri (2003, p. 86), Agostinho atua “numa síntese madura entre fé, filosofia e vida, considerando que a fé teria recebido clareza da razão, mas também que a razão teria ganhado estímulo impulso da fé (*credo ut intelligamintelligo ut credam*)”. Evidenciando a relação entre fé e razão, em que a primeira completa a segunda e vice-versa. Sendo assim:

A fé não substitui nem elimina a inteligência; pelo contrário, como acenamos, a fé estimula e promove a inteligência. A fé é um “*cogitare cum assensione*”, num modo de pensar assentindo; por isso, sem pensamento não haveria fé. E analogamente, por seu turno, a inteligência não elimina a fé e, de certo modo, a clarifica. Em suma: fé e razão são *complementares* (REALE; ANTISERI, 2003, p. 88).

Na obra *Contra Acadêmicos*, Agostinho salienta que o homem se inclina para tudo o que é verdadeiro, tanto com a fé quanto com a razão. Sendo assim, como destacam Reale e Antiseri (2003, p. 88), “Esta é a posição que Agostinho assumiu desde sua obra *Contra os Acadêmicos*, que permanece como a marca mais autêntica do seu filosofar: o homem olha para o que é verdadeiro tanto com fé como com a inteligência”.

Ainda sobre a relação entre fé e razão, a filosofia é um bem precioso, um dom dado por Deus aos seres humanos, dotados da capacidade racional de compreensão.

Vou te dizer o que é claro para mim. De fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz nos associa. Na verdade, santos são aqueles que consagram à filosofia a própria inteligência. No entanto, o que seja a filosofia e o motivo pelo qual ela foi enviada aos homens, muito o ignora, pois do contrário não existiriam platônicos, nem estóicos, nem teóricos, nem pitagóricos, sendo ela uma única ciência (JUSTINO, 1995, p. 111).

A natureza criada proclama a existência de Deus por meio da própria natureza do homem, que ao criar, concede ao ser humano a capacidade da razão que o possibilita agir, de onde emerge sua liberdade:

A existência de Deus não é proclamada somente pela autoridade dos livros santos, mas toda a natureza que nos cerca e à qual pertencemos, proclama que reconhece a existência de um outro criador excelso. Ele que nos deu a mente e a razão natural, a qual nos possibilita preferir ser vivente ao não vivente; os dotados de sentidos aos não sensitivos; os inteligentes aos irracionais; o que é imortal ao mortal; a potência à impotência; a justiça à injustiça; a beleza à deformidade; o bem ao mal; o incorruptível ao corruptível; ao mutável ao imutável; o invisível ao visível; ao corpóreo e incorpóreo; a felicidade à desgraça (AGOSTINHO, 1994, p. 486).

A encíclica do papa São João Paulo II, *Fides et Ratio*, ressalta a importância da relação entre fé e razão, visto que Deus agiu no homem, dando-lhe capacidade para conhecer a verdade e integrar-se a ela. Conforme a encíclica:

A fé e a Razão constituem as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si própria (JOÃO PAULO II, 1998, p. 5).

Quanto mais o homem conhece a realidade e o mundo, mais conhece a si mesmo na sua unicidade, tornando-se gradativamente mais compreensíveis para ele o sentido das coisas e de sua existência (JOÃO PAULO II, 1998).

Além dos interesses de Agostinho em conciliar fé e razão está o desejo de conhecer. Portanto, quer o Filósofo fazer um caminho para mostrar, no processo do conhecimento, a

relação *mestre e discípulo*: Cristo é definido como mestre que age no homem interior, o qual só compreenderá a Trindade com ajuda de tal mestre, Cristo, nossa capacidade inata de conhecer.

### 3 A interioridade como caminho para o conhecimento da Trindade

No exercício do filosofar, a dialética<sup>3</sup> se apresenta como método que garante e orienta a intensa dinâmica da reflexão pautada no diálogo. É notório que, com este método, desenvolvem-se argumentos para aproximar ou alcançar a verdade. No que tange ao caminho da interioridade para o conhecimento da Trindade, está o exercício da dialética.

Contudo, neste processo de compreender que o conhecimento se dá ao homem pela interioridade, para qual há um mestre interior que ensina a tomar como errôneos os ensinamentos exteriores, conclui-se que é pela interioridade que se desenvolve reflexão para o caminho de compreensão da Trindade, possível apenas, como vimos, pelo caminho da interioridade.

#### 3.1 Homem interior e exterior

O homem é capacitado com duas características: interior e exterior, e quem dará importância a tal aspecto é Agostinho de Hipona na obra *De Trinitate*, quando menciona a interioridade e a exterioridade do homem. Agostinho faz referência a dois homens: um exterior e outro interior.

Dirigi-me então a mim mesmo, e me perguntei: “E tu, quem és”? E respondi: “Um homem”. Tenho à disposição um corpo e uma alma, o primeiro é exterior e a outra é interior. A qual dos dois deverei perguntar pelo meu Deus? Através do corpo já o procurei, desde a terra até o céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios do meu olhar. Mas a parte interior — a alma — é superior ao corpo (AGOSTINHO, 1984, p. 272).

O homem exterior é dotado de sentidos, e o homem interior, de inteligência. Os aspectos que definem a condição da exterioridade do homem dizem respeito aos sentidos corpóreos, ou seja, o homem exterior é definido por tudo o que pode ser extraído do mundo exterior para seu corpo, até mesmo recordações.

---

<sup>3</sup> É uma forma de apresentar um diálogo, um debate. A dialética é desenvolvida por duas pessoas que abordam certo tema e sobre ele discutem.

Tudo o que temos na alma em comum com o animal dizemos com razão que pertencem ao homem exterior. O homem exterior não é definido apenas pelo seu corpo, mas também por certa manifestação de vida que confere vigor a todas as articulações corporais, instrumentos estes da percepção do mundo exterior. E quando as imagens percebidas pelos sentidos e fixadas na memória são revistas mediante a recordação, elas também se referem ao homem exterior (AGOSTINHO, 1994, p. 365).

O homem é diferente de outros animais, porém, há algo que o diferencia totalmente, que não é somente o fato de o homem ser ereto e o animal curvado, mas, como descreve o próprio Agostinho (1994, p. 365), “Esse privilégio é uma advertência daquele que nos criou, no sentido de que não nos assemelhamos aos animais em nossa parte superior, que é a alma, pois deles nos diferenciamos pelo corpo ereto.”.

Agostinho aponta a noção daquilo que os animais têm em comum com o homem em relação às coisas exteriores; é a capacidade dos sentidos de extrair para o corpo fatos exteriores. De acordo com Agostinho (1994, p. 366), “Os animais também podem perceber através dos sentidos do corpo os objetos materiais colocados no mundo exterior”.

O homem exterior se assemelha ao animal, em parte, em relação ao que pode ser extraído por meio dos sentidos. Entretanto, o homem interior tem em si a capacidade racional, percebe coisas corporais e temporais diferentemente dos animais. Tal percepção se relaciona à razão, ao ser racional, característica inexistente em outros animais (AGOSTINHO, 1994).

Sendo assim, fica claro ser por meio da inteligência que o homem interior se diferencia do exterior. Desta forma, será possível entender o mistério da Trindade com o homem interior. Agostinho salienta que essa questão inicia uma reflexão voltada à interioridade do homem no processo de compreender a Trindade, descobrindo a imagem da Trindade nas faculdades presentes na alma. Sendo assim:

Quando, pois, nós falamos acerca da natureza da alma humana, enfocamos apenas uma só realidade. O duplo aspecto que acabo de distinguir, ou seja, inteligência e ação vêm somente em relação as suas duas funções. Por isso quando procuramos uma trindade na alma, havemos de investigar em toda ela, não separando em razão que age no temporal, da contemplação das coisas eternas, de maneira a procurarmos depois o terceiro elemento para se completar a trindade. Não! É mister descobrir a trindade na totalidade da natureza da alma (AGOSTINHO, 1994, p. 368).

Agostinho descobre haver no homem uma imagem da Trindade, um Deus Uno e Trino. Portanto, da análise do homem em geral, o filósofo transfere o foco à pessoa na sua objetividade, a partir do conceito de pessoa baseado na vontade, que ele mesmo formulou, de modo que aprofunda seu estudo sobre tal concepção e percebe na interioridade do homem a imagem do Deus Cristão Uno-Trino, nas faculdades do modo do ser, do conhecer e do amar (REALE; ANTISERI, 2003).

## 4 A Trindade

A Trindade foi um tema bastante discutido e questionado por muitos autores que se dedicaram a desenvolvê-la e fundamentá-la, entre eles, destaca-se Santo Agostinho, que contribuiu intensamente para o processo de elaborar uma doutrina sobre a Trindade.

Agostinho está imbricado na análise da dialética entre fé e razão: “crer para compreender e compreender para crer”, sua expressão máxima, que o leva à busca incansável pela verdade. Percorrendo intenso caminho acerca do homem, incluindo a distinção da interioridade e exterioridade, quer Agostinho focar na interioridade, pois na alma estão as faculdades da memória, da inteligência e da vontade. Tais faculdades representam, de certa forma, vestígios da Trindade no homem. O mistério da Trindade é complexo, porquanto se apresenta como o Deus Uno e Trino: Pai, Filho e Espírito Santo. É a relação divina, marcada na economia salvífica das três pessoas que as compõem. Além disso, o mistério trinitário que não se pôde explicar com argumentos, imagens e icnografias demonstraram compreendê-lo facilmente.

### 4.1 O diálogo entre fé e razão como caminho para a Trindade

O debate entre fé e razão sempre foi tomado de forma conflituosa por muitos autores, como Santo Agostinho, que tenta conciliar a razão dos gregos e a fé do cristianismo, de modo que uma oriente à outra em busca da verdade. O filósofo abarca dimensões profícuas, partindo do homem interior e exterior para demonstrar ser por meio da interioridade do homem (onde habita o mestre interior) que alcançamos o conhecimento da Trindade.

A influência de Plotino altera a maneira de pensar de Agostinho, afasto-o do materialismo e de concepções maniqueístas. A partir disto, as novas noções de Agostinho, bem como sua fé em Cristo, mudaram sua vida e lhe deram suporte ao novo modo de pensar. Nasce o filosofar na fé, a filosofia cristã (REALE; ANTISERI, 2003).

“Crer para compreender e compreender para crer”, fé e a razão, dois temas que caminham juntos em esclarecimento da verdade, pois há um debate em que a fé não caminha sem a razão, pois andam de mãos a procura da verdade.

Fé e razão. O problema do equilíbrio entre fé e razão é constante no arco do pensamento medieval. A solução de Agostinho, para usar uma expressão da teoria gnosiológica moderna, é um “círculo hermenêutico”: isto significa que todo conhecimento pressupõe pré-conhecimentos apreendidos por outro caminho, que podem depois ser confirmados, desmentidos ou modificados. A fé é, portanto, um pré-conhecimento em relação à razão (*credo ut intelligam*); mas a razão depois pode e

deve transpor criticamente as verdades de fé (intelligo ut credam). (REALE; ANTISERI, 2003, p. 88).

Uma análise feita por João Paulo II (1998, p. 26), na carta encíclica *Fides et Ratio*<sup>4</sup>, aponta o homem como fruto de ambos os conhecimentos, tanto a filosofia quanto a teologia, duas dimensões que o direcionam para um caminho de verdade e contemplação do Deus Uno e Trino.

Diante dessas duas dimensões do saber humano, fé e razão, o homem volta-se ao sentido de existência, do pensar e o do crer, na busca pela verdade. Como descrevem Reale e Antiseri (2003), a verdade está na interioridade do homem, não busca a si própria, porém, é o homem quem a alcança, ao procurá-la com o afeto da mente, que conduz o homem interior frente àquilo que o habita, com seu desejo espiritual.

O homem se torna sábio por aquilo que faz de sua vida, quando é capaz de buscar a verdade, permanece reto no julgar e no agir. O homem quando sabe o que quer anseia por percorrer um caminho seguro; tem mais sustento, e sua inteligência tende a ser feliz.

Feliz o homem que é constante na sabedoria, e que discorre com a sua inteligência; que repassa no seu coração os caminhos da sabedoria; e que penetra no conhecimento dos seus segredos; vai atrás dela como quem lhe seguem o rastro, e permanece nos seus caminhos; olha pelas duas janelas, e escuta as suas portas; repousa junto da sua morada, e fixa um pilar nas suas paredes; levanta a sua tenda, e o estabelece alí agradável morada; coloca os seus filhos debaixo da sua proteção, e ele mesmo morará rebaixo dos seus ramos: a sua sombra estará defendido do calor, e repousará na sua glória (Eclo 14,20-27). (JOÃO PAULO II, 1998, p. 27).

Agostinho, portanto, enfatiza que a verdade é única e para esta concorrem todos os meios para alcançá-la. A fé e a razão estão voltadas para o conhecimento dessa mesma verdade, realizada pela contemplação, face a face, do Deus Uno e Trino, que na alma apresenta-se como imagem da Trindade nas suas faculdades.

#### 4.2 Imagem da Trindade na mente humana

Na teoria da iluminação<sup>5</sup>, Agostinho é destacado nas considerações de Reale e Antiseri (2003, p. 91): “a suprema verdade de Deus é uma espécie de luz que ilumina a mente humana no ato do conhecimento, permitindo-lhe captar as ideias, entendidas como as verdades eternas e inteligíveis, presentes na própria mente divina”.

---

<sup>4</sup> Carta encíclica *Fides Et Ratio*, do sumo Pontífice João Paulo II, sobre as relações entre Fé e Razão.

<sup>5</sup> A doutrina da iluminação de Santo Agostinho substitui a teoria da reminiscência de Platão.

Ayoub (2011) destaca que a razão humana é diferente das virtudes, daquilo que se entende como o homem à imagem e semelhança de Deus. É na mente, na interioridade do homem, que a iluminação divina atua, de forma que somente a mente é capaz de reconhecer a luz divina que age na sua interioridade. Assim, como a razão e a vontade, ambos correspondem à imagem da Trindade, formadas pelo Deus Uno e Trino. Desta forma, observa:

Ora, cabe esclarecer e ressaltar que, na filosofia de Agostinho, a mente (*mens*) não é sinônimo de atividade cognitiva: comporta a atividade cognitiva, mas não se restringe a esta. *Mens* significa a alma espiritual e abarca tanto a natureza dessa alma (seu ser), bem como a razão e também a vontade; trata-se de semelhança resultante de ter sido feita à imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo, unidos no Deus-Trindade. Se a alma intelectual é formada pelo Deus-Trindade, nos moldes de uma determinada ideia, a iluminação divina incidirá no homem nos moldes dessa ideia que é a *mens* (AYOUB, 2011, p. 123).

No conhecimento da alma, por ela mesma, quando a mente se ama a si mesma, tornam-se duas: a mente e seu conhecimento, uma vez que ela por si mesma se conhece. Portanto, Agostinho enfatiza três realidades: a mente, o seu amor e o seu conhecimento, de modo que formem três realidades e uma só unidade (AGOSTINHO, 1994). Isto posto, conclui Agostinho (1994, p. 291) que “As três realidades: mente, conhecimento e amor, quando perfeitas, são necessariamente iguais”.

Dessa forma, afirma-se que na mente humana existe a imagem da Trindade, nas suas três faculdades — a memória, o conhecimento e a vontade, como três coisas distintas, mas relacionadas. Segundo Agostinho (1994, p. 493): “Descobrimos na criatura humana, uma trindade feita da mente, do conhecimento com que se conhece e do amor com que se ama a si mesmo”. A Trindade divina nas trindades visíveis apresenta dificuldades da descoberta, pois as três realidades que pertencem ao homem não são o homem:

Conforme definição dos antigos o homem é animal racional e mortal. As três realidades, pois, enobrecem o homem, mas não são o homem. Uma pessoa só — ou seja, cada homem —, possuem as três faculdades na mente. Se definirmos de outro modo o homem, e dissemos: “O homem é uma substância racional que consta de alma e corpo”, fica esclarecido que ele tem uma alma, que não é corpo; e tem um corpo, que não é alma. Consequentemente, as três faculdades não são homem, mas são do homem e nele existem (AGOSTINHO, 1994, p. 493).

Por encontrar na mente humana uma unidade que representa a imagem da Trindade, é clara a semelhança entre o conhecimento de Deus e do homem, como bem escrevem Reale e Antiseri (2003, p. 93), “O conhecimento do homem e conhecimento de Deus Uno e Trino, ilumina-se mutuamente, quase que como em um espelho, de modo admirável, realizando

perfeitamente o projeto do filosofar agostiniano: conhecer Deus e a própria alma, Deus através da alma, a alma através de Deus” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 93).

#### 4.3 Deus, Uno e Trino: Pai, Filho e Espírito Santo na relação divina

A Trindade apresenta uma única substância; é um só Deus em três Pessoas, e não três deuses. Como afirma Agostinho (1994, p. 27), a “Trindade é um só Deus verdadeiro e quão realmente se diz, se crê e se entende que com o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem uma só substância ou essência”.

Agostinho (1994) deseja demonstrar que sua fé é, pois, a fé católica ao dizer que não foi a Trindade que nasceu da Virgem Maria, tampouco foi crucificada sob o poder de Pôncio Pilatos, nem ressuscitou ao terceiro dia, e de forma alguma subiu ao céu, logo, foi somente o Filho. Também não a foi a Trindade que desceu em forma de pomba, nem no dia de Pentecostes, mas o Espírito Santo. Não foi a Trindade que fez sair a voz do céu dizendo *Tu és meu filho* (Mc 1,11), mas a voz do Pai dirigida ao filho. Está claramente apresentado neste parágrafo descrito por Agostinho que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são inseparáveis.

O Catecismo da Igreja Católica aponta que as pessoas divinas são realmente distintas entre si, que o Pai não é o Filho, tampouco o Espírito Santo; são distintos entre si pelas relações de origem. “É o Pai que gera o Filho, que é gerado; o Espírito Santo que procede. A unidade divina é trina” (JOÃO PAULO II, 1993, p. 71).

A relação divina da Santíssima Trindade, mesmo apresentada de forma distinta, não é marcada pela inseparabilidade, mas pela atuação do Deus que é Uno e Trino em cada uma das pessoas. Agostinho destaca:

A trindade atuou na voz do Pai, na carne do Filho e na pomba do Espírito Santo (Mt 3,16), embora façamos comparação pode-se conhecer de alguma forma que a trindade, inseparável em si mesma, se manifesta separadamente pela figura de criaturas visíveis, e como a atuação indivisa da Trindade existe em cada um dos seres que servem para representar ou o Pai, ou o Filho ou o Espírito Santo (AGOSTINHO, 1994, p. 187).

O Pai, o Filho e o Espírito Santo agem separadamente; é a economia salvífica agindo de forma distinta. A infinitude das três Pessoas da divina Trindade, em que uma está na outra, de modo que sejam somente uma, indivisíveis, no entanto, unas. Cada pessoa está em cada uma das outras, são inseparáveis e atuam separadamente, mas são em si infinitos (AGOSTINHO, 1994, p. 231).

Esta unidade inseparável, Pai, Filho e Espírito Santo, manifestam-se de forma distinta em meio às Pessoas, cada Pessoa da Trindade tem determinada função, e cada uma agindo de

sua forma, dentro de um mesmo princípio de substância. Isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, agindo diferentemente (DURRWELL, 1990).

Há uma ideia de que é impossível pensar a Trindade como somente um, ou que Deus é sem o Filho, não é tríplice, mas trino. Não é uma triplicidade na ação das Pessoas divinas, mas uma tríade na qual coincide, desta forma, uma dinâmica relação entre as Pessoas, sendo ela em si própria na relação com as outras (CAMBÓN, 2000).

A Trindade é fortemente marcada pela última Pessoa, o Espírito Santo, e as duas Pessoas, Pai e Filho, são denominados primeiros, a constituição do amor mútuo:

A pessoa do Pai se constitui na geração do filho. Por isso, o Pai não é anterior ao filho, apesar de ser sua fonte. Os dois são co-eternos, e a adequação entre eles é total, uma vez que o mistério do Pai se realiza e se esgota por inteiro na geração do Filho. Quanto a terceira pessoa, ela não é a última e não vem depois das outras, já que é nela que se constitui a do Pai e a do Filho: os dois, que são chamados primeiros, são pessoas em seu amor mútuo, isto é, na terceira (DURRWELL, 1990, p. 129).

De acordo com João Paulo II (1993, p. 72), “O fim último de toda a Economia divina é à entrada das criaturas na unidade perfeita da Santíssima Trindade”. A manifestação das pessoas que compõem a Trindade ocorre de modo distinto, de acordo com sua função determinada ou maneira de agir, mas segundo o mesmo princípio de natureza, a mesma substância, a da unidade da Trindade:

Toda a economia divina é obra comum das três Pessoas divinas. Pois da mesma forma que a Trindade não tem senão uma única e mesma natureza, assim também não tem senão uma única e mesma operação. “O pai, o Filho e o Espírito Santo não são três princípios das criaturas, mas um só princípio”. Contudo, cada pessoa divina opera a obra comum segundo sua prioridade pessoal. Assim a Igreja confessa, na linha do novo testamento: “um Deus Pai do qual todas as coisas, um Senhor Jesus Cristo para quem são todas as coisas, um Espírito Santo em quem são todas as coisas”. São, sobretudo as missões divinas da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo que manifestam as propriedades das pessoas divinas (JOÃO PAULO II, 1993, p. 72).

Encontra-se em Orígenes a Doutrina da Trindade, segundo a qual o Filho de Deus foi gerado, não criado, conforme a natureza do Pai, bem como consiste em duas naturezas, a divina e a humana, “verdadeiro Deus e verdadeiro Homem”, com uma função essencial de mediador entre o divino e a criatura humana. Por sua vez, está o Espírito Santo, que recebe de Orígenes a definição da ação santificadora. Portanto, marca a hierarquia do Pai, do Filho e do Espírito Santo (REALE; ANTISERI, 2003).

Conforme Lacoste (2004, p. 1761), a Trindade é um mistério que se dá pela revelação e comporta a vida da pessoa, de quem está disposto a viver a fé Cristã, constituindo em cada Pessoa um dado fundamental da sua fé.

Portando, o mistério da salvação é trinitário, e foi iniciativa do próprio Filho Jesus Cristo pagar a Deus o preço de uma reconciliação com os homens, e que não deixaria integrar na visão do Deus que é Pai e Filho no Espírito Santo (DURRWELL, 1990).

Não só através de argumentos se pode compreender esse mistério trinitário, que apontam as relações salvíficas e divinas da Trindade Santa; quando não há entendimento por meio de palavras, as imagens podem tornar a compreensão clara.

#### 4.4 Análise da iconografia trinitária

O mistério da Santíssima Trindade desperta reflexões tanto no campo teológico quanto filosófico. Contudo, tais reflexões ganham contornos artísticos ao se tornarem temas representados pela iconografia desde o período medieval. Pretende-se, doravante, analisar a Trindade a partir da arte sacra, como forma de comunicar aquilo que as palavras, por vezes, não conseguem explicar.

Na imagem a seguir, vemos a figura de três anjos representados no Ícone da Trindade de Rublev. As vestes em azul dos anjos simbolizam a natureza divina que há em comum nas Pessoas da Trindade; entres os anjos na parte debaixo há uma cor que o distingue, o Pai, o anjo da esquerda, cores fortes quase como pura luz, que simboliza sua invisibilidade e também sua inacessibilidade; o Filho, o anjo ao centro, usa uma túnica escura, definida como sinal da humanidade que o revestiu; por sua vez, o Espírito Santo, o anjo à direita, usa um manto verde, simbolizando a vida, isto é, aquele que dá a vida (CANTALAMESSA, 2004, p. 12):

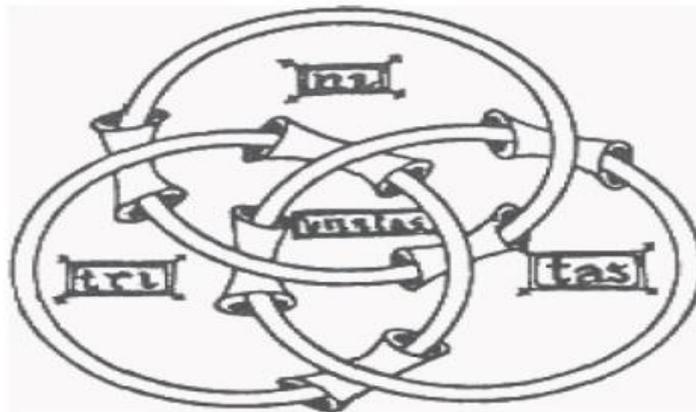
**Figura 1:** Ícone da Trindade de Rublev



**Fonte:**<https://pt.aleteia.org/2016/05/24/o-excelso-icone-russo-que-nos-manifesta-o-misterio-da-trindade-santissima/>

A imagem seguinte foi tirada de um manuscrito de 1355, conservado na biblioteca de Chartres até 1944. Ela representa a Trindade e deve ser lida da seguinte forma: primeiro a palavra *unitas*, ao centro, depois as sílabas, da esquerda para a direita, o que resulta nos dizeres *Unitas Tri-ni-tas*. Portanto, a figura ilustra as Pessoas da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo (DUFOR, 2000).

**Figura 2:** Ícone da Trindade de Rublev



**Fonte:**[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2015000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000100004)

A imagem abaixo contém a representação mitológica de Santo Agostinho com um menino na praia. Enquanto Agostinho estava na praia, pensando no complexo mistério da Trindade e vendo um menino tentando colocar num buraco toda a água do mar com uma colher. Agostinho informa ao menino ser impossível colocar no buraco toda a água do mar com a

colher, mas o menino, que tem aparência de um anjo, responde: “Seria mais fácil para mim derramar com esta colher toda água do mar neste buraco, do que para ti resolver e inserir em um livro o mistério da Trindade” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 94).

**Figura 5:** Santo Agostinho e o menino que despejava o mar num buraco na areia



**Fonte:** [https://drive.google.com/open?id=1OvYueDJn2c0\\_0DekcJjBBg56C5QhpcVC](https://drive.google.com/open?id=1OvYueDJn2c0_0DekcJjBBg56C5QhpcVC)

#### 4 Considerações finais

A Trindade figura entre os temas mais debatidos ao longo dos primeiros séculos da história do cristianismo. Diferentes pensadores trataram dessa questão a partir de perspectivas antagônicas: uns recorreram exclusivamente à fé, outros procuraram explicações puramente racionais. Em ambos os casos, o mistério da Trindade permaneceu sem solução, motivo pelo qual Santo Agostinho dedicou parte de sua obra intelectual a esse debate.

Para não cair no mesmo erro de seus antecessores, o Bispo de Hipona chega à conclusão de que uma visão unilateral — ou mesmo fundamentalista — seria inapropriada para dar o devido tratamento à questão. Por esse motivo, Agostinho, recorrendo às contribuições decorrentes do embate entre fé e razão, aponta os limites constitutivos da razão natural, e assevera que tais limites só poderão ser superados a contento valendo-se do instrumental da fé. Ainda assim, a fé não pode prescindir da razão, pois somente com ela o homem poderá dar maiores esclarecimentos à fé que abraça. Isto equivale a dizer que a razão e a fé se complementam e encaminham o homem em direção à verdade plena e perfeita. Da relação entre razão e fé é possível concluir, primeiramente, que a razão ajuda o homem a alcançar fé. Posteriormente, a fé orientará e iluminará a razão.

Agostinho não ignora a contribuição neoplatônica e considera que o conhecimento é um dado da razão que pode ser buscado pela dialética. No entanto, verifica que a própria condição de buscar o conhecimento, ou seja, a capacidade de aprender, discernir, questionar, refletir, raciocinar, é elemento formador da espécie humana, que o diferencia dos demais seres vivos. A partir deste dado intrínseco, inato, caracterizador da própria essência humana — segundo Agostinho, concedido à humanidade pela graça de Deus —, é que se pode formular todas as questões e investigar todas as respostas, inclusive naquelas matérias que envolvem a fé.

O Bispo apresenta a Trindade, Una e Trina, na sua relação divina, a economia salvífica onde o Pai age de forma criadora, o Filho como salvação e o Espírito Santo na ação santificadora. A manifestação das Pessoas da Trindade é marcada por suas distintas ações, de acordo com sua função ou mesmo sua maneira de agir, porém da mesma unidade, do mesmo princípio de natureza. A Trindade é a unidade divina. Portanto, é de suma importância o tema da Trindade, pois dentro da fé cristã está a unidade das pessoas da Trindade.

Para análise e reflexões profícuas, também no âmbito religioso e teológico, o exercício da razão e o recurso filosófico se tornam indispensáveis e garantias de credibilidade intelectual. Também por isto o pensamento de Santo Agostinho é relevante e inspirador para nossos dias, visto que insere o leitor diante de um quadro de reflexões que exigem diferentes olhares a respeito de um tema tão complexo.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Trad. António Borges Coelho. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984. 2 v.

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Trad. António Borges Coelho. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999. 2 v.

ABRAÃO, Bernadette Siqueira. **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).

AGOSTINHO. **A Trindade**. Trad. Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. 726 p.

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. 446p.

AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011. 191 p.

CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na trindade: o que significa as relações trinitárias na vida em sociedade?** Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Cidade Nova, 2000. 246 p.

CANTALAMESSA, Raniero. **Contemplando a Trindade**. Trad. Alada da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CORDEIRO, Gisele do Rício; MOLINA, Nicemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2014.

DUFOUR, Dany, Robert. **Os mistérios da Trindade**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

DURRWELL, François-Xavier. **O pai Deus em seu mistério**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1990. 228 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JOÃO PAULO II. **Aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1998. 141 p.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

JUSTINO. **I e II apologias**: Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

MARÍAS, Julián. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOVACIANO. **A trindade, escritos éticos, carta**. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística).

PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Indústrias de Papel, 1981.

REALE, Geovane; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e escolástica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. 2 v. 335 p.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Manual de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. 527 p.

SCIACCA, Michele Federico. **História da filosofia I: Antiguidade e Idade Média**. Trad. Luis Washington Vita. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.